

Técnicas pedagógicas passo-a-passo de ensino de filosofia para o jurista desocupado

*Rubin Assis da Silveira Souza**

*Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele que me salvo e dou a
poucos uma esperança mínima.
DRUMMOND. A Flor e a náusea*

O objetivo do trabalho é auxiliar o jurista desocupado responsável pelo ensino da cadeira de filosofia do direito. A situação mais frequente nas faculdades de direito são as aulas de filosofia e de outras cadeiras do eixo fundamental serem tapeadas por qualquer bacharel sem nada melhor para fazer. Ocorre que tais ociosos juristas muitas vezes se veem receosos quando instituídos nos seus cargos, isso porque não possuem qualquer conhecimento na matéria em que lecionam, ao mesmo tempo em que são lançados em sala de aula expostos às dúvidas e críticas dos alunos.

Nesse sentido apresento a esses professores, juristas desocupados, uma técnica pedagógica resumida e de fácil compreensão para ministrarem sem maiores sobressaltos a cadeira de filosofia do direito. Seguindo os passos propostos, o jurista desocupado não terá riscos de ser questionado pelos alunos ou pela instituição, mantendo seu complemento de renda garantido.

IDENTIFICAÇÃO DO JURISTA DESOCUPADO PROFESSOR DE FILOSOFIA DO DIREITO

Se você é um jurista responsável pela cadeira de filosofia do direito, responda o seguinte questionário:

QUESTÃO	RESPOSTA
---------	----------

* Mestrando em Direito pela UFSC. Bolsista Capes.

<p>1. Você leciona geralmente cadeiras dogmáticas, como civil, processo civil, penal, processo penal, administrativo, constitucional etc., mas infelizmente tais disciplinas já foram ocupadas por profissionais mais competentes ou por um amigo qualquer do reitor/diretor/ministro/deputado/senador/presidenta etc, restando-lhe apenas a cadeira de filosofia do direito?</p>	SIM	NÃO
<p>2. Você não passou no exame de ordem e não vislumbra, por absoluta e consciente falta de competência, qualquer outra carreira no direito, a não ser o magistério das disciplinas do eixo fundamental, pois não exigem outra qualificação além do bacharelado e alguns contatos mais próximos com um reitor/diretor/ministro/deputado/senador/presidenta?</p>	SIM	NÃO
<p>3. Você é docente em uma faculdade privada de direito cujo slogan é: a) “a universidade que ensina na prática, assim como as universidades americanas”, b) “a universidade voltada para o mercado de trabalho”, c) “a universidade que te ensina a prática e não a teoria”, d) “a universidade com a menor mensalidade” etc.? Ou você é professor de uma instituição pública aprovado em um concurso duvidoso, obscuro e repleto de ilegalidades?</p>	SIM	NÃO
<p>5. Você leu o manifesto comunista ou a versão condensada da Teoria pura do direito e se acha capaz de refutar tais teses facilmente, pois as considera superadas?</p>	SIM	NÃO
<p>6. Você é um leitor eventual da bíblia ou um místico holista ou tauista etc. e acredita que os filósofos são pagãos negadores dos seus dogmas e o ensino filosófico, para ser verdadeiro e justo, é uma pregação das suas crenças?</p>	SIM	NÃO

Se você respondeu afirmativamente uma ou mais dessas questões, parabéns! Você é um jurista desocupado professor de filosofia do direito. A partir de então siga estes sete passos para manter-se tranquilo em seu cargo recebendo sem dificuldades seu dinheirinho extra:

PASSO 1. SEJA UM MEDALHÃO

Esse é o primeiro passo e o mais importante, devendo ser observado em todos os outros. Para tal, recomendo fortemente a leitura do conto “A teoria do medalhão”, de Machado de Assis.

Seja, então, um medalhão. Trate todos com extrema cordialidade e finja um espírito de constante amizade entre os alunos. Promova encontros, churrascos, pague a cerveja do churrasco, seja sempre solícito e sorridente. Um aluno se sentirá mais constrangido em denunciá-lo à diretoria quando restrito por vínculos de amizade com você, assim como ficará mais embaraçado diante da turma no eventual questionamento sobre seus métodos.

Nesse sentido, jamais afirme que o aluno está errado em seu argumento ou precisando aprofundá-lo. Procure sempre concordar com os alunos, mesmo sendo gritantemente absurdos seus posicionamentos. Não discorde, apenas concorde! Não corrija os alunos, somente os elogie! Sempre os aprove, dando-lhes as melhores notas possíveis. Observe, entretanto, o perigo de qualquer fiscalização que eventualmente possa ocorrer – proteja-se também contra os fiscais e não ignore erros grotescos: estabeleça provas elementares e, antes da sua aplicação, forneça aos alunos as respostas. Autorize os alunos a utilizar qualquer material, como dicionários, internet etc. Um que outro aluno, mesmo com as respostas, conseguira se sair mal. Preveja no seu plano de ensino, então, o complemento da nota com trabalhos em grupo. Desta forma você poderá aprová-lo sem incorrer em risco com a fiscalização e mantendo-se dentro do tipo machadiano do medalhão.

Ainda, jamais exponha qualquer ideia nova ou uma filosofia aprofundada sobre qualquer assunto. O medalhão deve unicamente repetir preconceitos e chavões sociais, sem margem para discussões e raciocínios lógicos. As ideias nunca deverão ter originalidade, mas refletir o pensamento vulgar comum, com incisiva ênfase pedante.

PASSO 2. EVITE DAR AULA

A aula pode ser um momento crítico para o jurista desocupado professor de filosofia do direito. Em sala, há o risco de você cometer alguma gafe ou um aluno possuir conhecimentos suficientes para lhe desmascarar. Portanto, evite dar aulas. Atestados médicos são sempre úteis nesses casos e são facilmente conseguidos. Procure também oferecer a disciplina sexta-feira à noite, pois você tem a oportunidade de dispensar os alunos mais cedo sem nenhuma reclamação.

Não exija frequência e participação em sala da aula. Caso seja uma exigência da instituição, faça a chamada sempre no início da aula e dê presença a todos os que lhe pedirem, fazendo-se claro de que está realizando um grande

favor ao aluno faltoso.

Quando em sala, realize frequentemente seminários sobre alguma ou outra polêmica qualquer, menos em problemas filosóficos ou que demandem de leitura. Faça perguntas genéricas – questione os alunos em grupo, se eles responder de uma forma, concorde com ele, conceda-lhe efusivos elogios e encerre a questão, sem aprofundá-la.

Exponha filmes emotivos e longos: dê preferência a filmes que ocupem o tempo de duas aulas, mais uma aula para o debate. Não utilize filmes filosóficos ou profundos – uma comédia romântica é o mais apropriado. Se algum aluno questionar a escolha do filme, sustente frases vazias, tais como: tal filme foi escolhido porque ‘aflore a sensibilidade’ ou ‘cultiva o humanismo no aluno’.

PASSO 3. ESCOLHA UM MANUAL FÁCIL E DE QUALIDADE DUVIDOSA DE FILOSOFIA DO DIREITO OU MESMO UM LIVRO DE AUTOAJUDA OU HOLÍSTICO

Não precisa ser o melhor, mas apenas fácil. O ideal seria que esse manual apresentasse alguns erros para que você os possa corrigir em sala de aula, aparentando, assim, conhecimento profundo e crítico em filosofia. Inclusive pode-se utilizar também algum livro de autoajuda com uma ou outra citação filosófica. Em hipótese alguma utilize livros de filosofia de autores reconhecidos ou o estudo dos textos dos próprios filósofos – isso pode fazer o aluno se interessar pela disciplina e formular perguntas excessivamente difíceis para você. Escolha um livro bem introdutório e certifique-se da sua superficialidade. Também não é necessária a sua leitura antecipada, apenas o indique no plano de ensino e aos alunos. Em sala de aula jamais o estude objetivamente. Sempre que algum aluno levantar uma questão sobre o texto, procure demonstrar os problemas do mesmo e invente uma resposta qualquer ao questionamento, representando, assim, sua superioridade intelectual em relação ao autor. Se o aluno insistir, mude de assunto sustentando a falsidade do problema ou a sua irrelevância.

PASSO 4. RELATE SUAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS COMO SE FOSSEM LEIS METAFÍSICAS *A PRIORI* DO DIREITO

Esse é o método mais popular entre juízes, promotores, procuradores e advogados aposentados. Quando entediados, tais profissionais do direito buscam algo para além da monotonia de seus dias. O exercício do magistério em filosofia do direito parece ser a disciplina mais atrativa. Mas também para o advogado que está em difícil situação financeira o ensino em filosofia do direito é uma boa alternativa, porque não demanda de muito estudo e garante uma renda fácil e certa.

Abuse da falácia da autoridade. Sua autoridade como jurista jamais poderá ser contestada. Se for, censure fortemente o aluno.

Relate seus processos e como os solucionou de forma magistralmente bem. Sustente que tal posicionamento profissional é a realidade objetiva para todos no mundo, com exceção daqueles perturbados por concepções equivocadas e discordantes das suas. Busque, dentro dos seus procedimentos profissionais, regras inventadas por si mesmo e as generalize a tal ponto de fazer o aluno considerá-las como normas *a priori* da razão. Defenda esse posicionamento e não recue em hipótese alguma.

Nesse sentido, a cadeira de filosofia do direito deve ser direcionada aos moldes de sua profissão – caso você seja um profissional da área de direito civil, por exemplo, procure generalizar posições civilistas e tratar seus argumentos como necessariamente verdadeiros e reais diante dos problemas da legislação civil. Exponha, finalmente, as suas teses profissionais como se fossem verdades metafísicas, inquestionáveis, mas infelizmente ainda não reconhecidas porque o mundo está permeado de maus filósofos que, de fato, não lhe distinguem como um professor sério.

Caso algum aluno lhe questione sobre esse método, estigmatize-o, afirmando a sua incapacidade de superá-lo intelectualmente tendo em vista a sua renomada atividade profissional. Demonstre estar profundamente ofendido com a insolência do aluno. Após a demonstração de indignação, volte a aplicar o passo 1.

PASSO 5. EVITE OS FILÓSOFOS OU PROFESSORES DE FILOSOFIA

Fale mal dos filósofos e instigue o preconceito. Os filósofos geralmente levam a carreira acadêmica extremamente a sério, o que é um perigo para você.

O preconceito mais usual é dizer que os filósofos não conhecem a ‘realidade’ pois estão absortos por filosofias ultrapassadas e apenas estudam

outros filósofos, repetindo conceitos, e não a ‘realidade’.

Nunca, jamais, em hipótese alguma, nem em sonho, recomende aos seus alunos a leitura de textos filosóficos respeitáveis, ou a leitura direta dos clássicos da filosofia.

Jamais publique um artigo na área de filosofia. Tal artigo ou livro irá expor significativamente seu analfabetismo filosófico.

PASSO 6. CENSURE OS ALUNOS MAIS QUESTIONADORES

Um aluno questionador representa o maior desafio para você, prezado jurista desocupado. Mesmo se o aluno não possuir conhecimento filosófico algum, suas perguntas podem lhe fazer contradizer. E como você não têm fundamentos para justificar suas posições, provavelmente você será desmascarado e perderá sua renda extra.

Nesse sentido, procure censurar os alunos mais desembaraçados e questionadores. Observe que essa censura deve ser velada - jamais censure o aluno de forma explícita e objetiva. Procure silenciá-lo de forma que o mesmo sintasse envergonhado perante a turma em questioná-lo novamente. Sutilmente, manipule os alunos para estarem completamente submissos. Os passos 1 e 4 deverão ser retomados aqui.

PASSO 7. JAMAIS CONSIDERE OS SEGUINTE VERSOS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Procura da Poesia¹

*Não faça versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não
contam.
Não faça poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à*

1 Substitua “poesia”, “versos” e “canto” por “filosofia”, o que para Drummond não seria, pelo que sei, de todo errado.

efusão lírica.

*Tua gota de bile, tua careta de gozo ou dor no escuro
são indiferentes.
Não me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem de equívoco e tentam a longa viagem.
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.*

*Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.
O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das
casas.
Não é música ouvida de passagem, rumor do mar nas ruas
junto à linha de espuma.*

*O canto não é a natureza
nem os homens em sociedade.
Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.
A poesia (não tires poesia das coisas)
elide sujeito e objeto.*

*Não dramatizes, não invoques,
não indagues. Não percas tempo em mentir.
Não te aborreças.
Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,
vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.*

*Não recomponhas
tua sepultada e merencória infância.
Não osciles entre o espelho e a
memória em dissipação.
Que se dissipou, não era poesia.
Que se partiu, cristal não era.*

*Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.*

*Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.*

*Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.*

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

*Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.*

Siga o poema tal como concebido por Drummond, só que ao contrário. Seja extremamente subjetivo quando ensinar filosofia – indague, invoque, minta sobre tudo. Conte sua vida pessoal e de sua família; suas posses, suas dores, seus amigos e inimigos, seu passado e sua cidade. Dramatize o tempo todo. Mas de forma alguma faça o que o poeta preceitua– nunca mergulhe no reino das palavras – lá você e seus alunos poderão se perder e, conseqüentemente, perder sua renda extra e a tranquilidade de seu sagrado sono existencial.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Os passos apresentados nesse guia resumido são, conforme observação empírica do pesquisador, os mais eficazes para o jurista desocupado manter sua renda complementar sem despendar de muito esforço. Ocorre, entretanto, que você, jurista desocupado, enfrentará algumas consequências, mas não se preocupe, elas podem ser relativamente remediadas.

Consequência 1. Você irá para o inferno

Na Divina Comédia, de Dante Aligeire, o personagem principal, Virgílio, relata o oitavo círculo do inferno – destino dos fraudulentos, falsificadores, manipuladores, etc. Enfim, destino dos maus professores. Lá você será submergido em um fossa de esterco e fezes durante toda a eternidade.

É para lá que você, inevitavelmente, irá!

Para esse problema não vislumbro qualquer solução. É inevitável que você, jurista desocupado, chafurdará em fezes durante toda a eternidade. Recomendo que o Sr. desfrute extensivamente da sua fraude ainda na sua vida terrena. No pós morte somente o esterco lhe aguarda.

Consequência 2. Você será o responsável por retirar a oportunidade de profissionais sérios especialistas em filosofia do direito e com produção e conteúdo filosófico para oferecer aos alunos

Essa consequência, na verdade, não precisa ser levada em consideração pelo jurista desocupado – quem, de fato, preocupa-se com essa gente da filosofia? Eles é que se virem para procurar outro meio de se manter. A sua renda complementar já está assegurada e ninguém nesse mundo, caso siga os passos apresentados, haverá de lhes subtrair o seu rico dinheirinho, que é pouco, é verdade, mas bem paga a NET e a gasolina do mês.

Consequência 3. Os alunos não aprenderão conceitos filosóficos básicos e necessários para a carreira acadêmica.

Repita mil vezes consigo mesmo: 1) quem faz a faculdade são os alunos: os professores e a instituição não podem ser responsabilizados; 2) quem

faz a faculdade são os alunos: os professores e a instituição não podem ser responsabilizados; 3) quem faz a faculdade são os alunos: os professores e a instituição não podem ser responsabilizados; 4) quem faz a faculdade ...; 1000) quem faz a faculdade são os alunos: os professores e a instituição não podem ser responsabilizados.

Conforme os ensinamentos de um famoso publicitário alemão, após você repetir mil vezes tal frase, ela se tornará verdade. Caso não esteja convencido após as mil vezes, repita duas mil, assim sucessivamente, até se convencer. Dessa forma você não se sentirá culpado pelas dificuldades acadêmicas dos seus alunos.